

**“NINGUÉM JAMAIS VIU ALGO TÃO BELO E TERRÍVEL”:  
A CONSTRUÇÃO DE ASLAM EM *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA*, DE C. S. LEWIS, E  
NOS INTERTEXTOS QUE A CERCAM**

Lucas Caixeta Machado

**Resumo:** Este artigo analisa a construção do personagem Aslam na obra *As Crônicas de Nárnia*, do autor britânico C. S. Lewis, em especial nas crônicas “O sobrinho do mago”, “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa” e “O cavalo e seu menino”. Para tal, é utilizada as noções de personagem e arquétipos segundo Candido (2007), Jung (2014), Vogler (1998) e Wood (2012), além de trabalhos acadêmicos que utilizam as crônicas como objeto de estudo. Além disso, há na análise uma ênfase na comparação com a literatura bíblica cristã, considerando a figura de Aslam um paralelo com a figura de Jesus.

**Palavras-chave:** *As Crônicas de Nárnia*. Personagem. Intertextualidade. Aslam.

**Abstract:** This article analyzes the construction of the character Aslan in the work *The Chronicles of Narnia*, by the britannic author C. S. Lewis, especially in the chronicles “The magician’s nephew”, “The lion, the witch and the wardrobe” and “The horse and his boy”. To this end, the notions of character and archetypes according to Candido (2007), Jung (2014), Vogler (1998) and Wood (2012) are used, in addition to academic works that use chronicles as an object of study. In addition, there is an emphasis in the analysis on the comparison with the Christian biblical literature, considering the figure of Aslan a parallel with the figure of Jesus.

**Key-words:** The Chronicles of Narnia. Character. Intertextuality. Aslan.

*Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam,  
e a prova das coisas que não se veem.  
Porque por ela os antigos alcançaram testemunho.  
Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados;  
de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.  
(Hb 11,1-3 ACF)*

## INTRODUÇÃO

Desde o lançamento do primeiro livro, *As Crônicas de Nárnia*, do autor britânico Clive Staples Lewis, marcaram o cenário da literatura fantástica e o imaginário de milhares de pessoas. A obra completa, que vendeu mundialmente mais de 120 milhões de exemplares e foi traduzida para 41 idiomas, influenciou e ainda influencia e capta consumidores, visto as várias adaptações para rádio, televisão, teatro e cinema, além de muitos livros derivados escritos por fãs e trabalhos acadêmicos. No Brasil, onde a falta de leitura por grande parte da população é inegável, as crônicas eram quase desconhecidas, mas após o lançamento do primeiro filme pela

*The Walt Disney Pictures* (baseado no livro “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”) em 2005, o livro foi o mais vendido naquele ano.

À princípio, Lewis não tinha a intenção de criar uma série, mas após a primeira publicação o autor recebeu críticas positivas do público e o incentivo de amigos como J. R. R. Tolkien, escritor de *O Senhor dos Anéis*. Logo, o autor decidiu continuar a explorar o universo imaginativo de Nárnia, o tornando um clássico da literatura, digno de ter sua última crônica (“A última batalha”) premiada com a Carnegie Medal, em 1956. Segundo o autor Lloyd Alexander: “Como Tolkien, C. S. Lewis redefiniu a natureza da fantasia, acrescentando riqueza, beleza e dimensão... Nos nossos tempos, todo reino da fantasia deve ser avaliado em comparação com Nárnia.”<sup>1</sup>.

A história de *As Crônicas de Nárnia* é composta por sete livros, escritos entre 1949 e 1954. Os sete romances podem ser organizados de forma cronológica, como aparecem no volume único, mas foram lançados inicialmente em outra ordem, começando por “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa” e tendo “O sobrinho do mago”, primeiro na cronologia, como o sexto lançamento.

Entre os muitos personagens descritos por Lewis em Nárnia, um chama atenção de forma especial: o leão Aslam. É o único personagem que aparece em todas as sete crônicas e sempre cumpre um papel de suma importância para o enredo destas. O leão é alvo de curiosidade e admiração por pessoas de nosso mundo, sendo relacionado até com uma das figuras históricas mais conhecidas da contemporaneidade: Jesus. Assim, observando o trabalho realizado pelo autor acerca do leão, podemos ser levados ao questionamento: como se dá a construção, a qual C. S. Lewis faz com Aslam, que faz o personagem se destacar de tal maneira?

Este Trabalho de Conclusão de Curso propõe analisar essa construção, investigando em Aslam seus arquétipos, a ideia bíblica que o rodeia e os efeitos que provoca, utilizando como *corpus* as crônicas “O sobrinho do mago”, “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa” e “O cavalo e seu menino”, presentes no volume único de *As Crônicas de Nárnia*. A crônica “O cavalo e seu menino”, em especial, será utilizada com a tradução em português e também no original em inglês, dado um trecho em específico importante para a análise em que as duas versões se diferem. Essas crônicas foram escolhidas por apresentarem o enredo da criação de Nárnia, os eventos ocorridos com a chegada dos irmãos Pevensie (que afetam de profundamente todas as outras crônicas) e também a história de Shasta, que mostra de forma bastante particular a relação pessoal de Aslam. Também se faz muito relevante para compreender e se realizar o objetivo

---

<sup>1</sup> Esta fala está presente na quarta capa do volume único de *As Crônicas de Nárnia*, utilizado para este artigo.

deste trabalho a leitura de cartas que o autor trocou com alguns fãs, presentes no livro *The Collected Letters of C. S. Lewis - vol. 3*. Serão utilizados também trabalhos de Oliveira (2018), Candido (2007), Wood (2012), Vogler (1998), e outros que tem como objeto de estudo especificamente *As Crônicas de Nárnia* como *corpus* e a noção de intertextualidade com base em Kristeva (1974).

## QUEM É LEWIS E A CONVERSA QUE MUDOU TUDO

Clive Staples Lewis nasceu em Belfast, atual Irlanda do Norte, em 29 de novembro de 1898, e faleceu em 22 de novembro de 1963. O autor mostra em sua biografia uma infância feliz, passada principalmente na Casa Nova<sup>2</sup>, onde vivia com os pais, o avô e o irmão, com quem tinha grande amizade. Diferente de seus pais, era um romântico e descobriu logo a escrita de histórias fantasiosas sobre a sua Terra dos Bichos<sup>3</sup>, lugar onde reunia seu gosto pelos animais vestidos e pelos cavaleiros de armaduras (elementos que vemos bem marcados principalmente n*As Crônicas de Nárnia*).

Sagrou-se como escritor, teólogo, crítico literário e professor nas universidades de Oxford e Cambridge, alcançando graduação em Letras e Literatura, Teologia e Linguística. Dedicou-se em pesquisas acadêmicas sobre literatura medieval e apologética cristã, sendo o autor de *A Alegoria do Amor: Um Estudo da Tradição Medieval*, a qual lhe rendeu o Prêmio Gollancz. Se destacou durante o período da Segunda Guerra Mundial, ao dar palestras na rádio sobre fé (experiência que gerou textos como *Cristianismo Puro e Simples*, de 1952) e ficando conhecido como o “apóstolo dos cétricos”. Também atuou como combatente durante o período da Primeira Guerra Mundial.

Mesmo tendo sido criado dentro da tradição da Igreja da Irlanda, na qual seus pais eram adeptos, não se interessava sobre religião na infância e nem considera ter tido “algo a mais”. Durante a adolescência acabou por se tornar um ateu convicto, seguindo por essa linha de pensamento até o início de sua vida adulta. O que mudou foi uma conversa que teve ao caminhar com seu amigo, o também escritor J. R. R. Tolkien, que era católico. Como resultado dessa conversa, Lewis se converteu ao cristianismo, fazendo parte da Igreja Anglicana e se tornando um grande teólogo. Participou de um grupo de estudos que acontecia na Universidade de Oxford

---

<sup>2</sup> Se refere à casa para onde a família se mudou quando Lewis tinha sete anos, considerada por ele como praticamente um personagem.

<sup>3</sup> Lewis chamava assim o mundo que criava em seus desenhos e primeiras histórias, com base nos animais antropomórficos da literatura infantil.

que propunha verificar a relação entre a literatura e a inserção de valores cristãos nesta. Aliado à sua criticidade e imaginação, começou a escrever a obra pelo qual é mais conhecido: *As Crônicas de Nárnia*, onde conta sobre um mundo novo, imaginativo e cheio de fantasia e verdade, usado para falar de Jesus para aqueles que lessem, especialmente as crianças. Segundo Lira (2010):

A despeito de sua religiosidade, Lewis usa a fantasia que vive o leitor ao fazer sua viagem a Nárnia, e incita-o a ter curiosidade sobre quem é a figura que representa o personagem da ficção no mundo real. Quando o leitor descobre a figura de Cristo na obra como um todo, Lewis cumpre seu papel de pregar o Evangelho e, sutilmente, faz que seu leitor entenda as qualidades de Jesus transmitidas pelo arquétipo de Aslam. (LIRA, 2010, p. 55)

E segundo o próprio autor, em uma carta para Anne Jenkins:

Toda a história de Nárnia é sobre Cristo. Isto quer dizer, eu perguntei a mim mesmo ‘Supondo que realmente houvesse um mundo como Nárnia, e supondo que (como nosso mundo) tivesse dado errado, e supondo que Cristo quis ir para aquele mundo e salvá-lo (como Ele fez ao nosso) o que pode ter acontecido?’. As histórias são minha resposta. Desde que Nárnia é um mundo de Animais Falantes, eu pensei que Ele se tornaria um Animal Falante ali, como ele se tornou homem aqui. Eu imaginei Ele se tornando um leão lá porque (a) O leão é supostamente o Rei dos animais; (b) Cristo é chamado ‘O Leão de Judá’ na Bíblia; (c) Eu estava tendo estranhos sonhos com leões quando comecei a escrever os livros. (LEWIS, 2007, p. 444)

Devemos considerar assim, o texto bíblico como fundamental para a proposta deste trabalho, tomando-o como um clássico que se enquadra na perspectiva de Calvino (1993, p. 11) de que: “Clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na nossa cultura ou nas culturas que atravessaram (ou simplesmente na linguagem e nos costumes)”. Nesta perspectiva entendemos que a literatura bíblica é um clássico não apenas por ser o livro mais lido do mundo, mas também pelas marcas deixadas, como expressões na linguagem, festas tradicionais e até religiões formadas (entre elas a mais difundida no mundo).

E ainda segundo Arruda (2016, p. 10), “A Bíblia é um dos textos ao qual o autor/leitor recorre frequentemente, utilizando o recurso da intertextualidade de maneira tal, que o escritor canadense Northrop Frye (2004) conclui ser indispensável o conhecimento bíblico para melhor compreensão literária.”. Considerando que ela é um conjunto de livros escritos por mais de quarenta autores ao decorrer de aproximadamente mil e quinhentos anos, perpassando a história de vários povos, a intertextualidade nela se faz presente a todo tempo, dialogando com várias culturas e histórias. Assim, tal literatura deixa suas marcas e revela a história anterior de parte do mundo em que vivemos hoje, não se limitando ao povo judeu apenas.

Para além disso é necessário entender o processo de intertextualidade aqui presente. Sendo Mikhail Bakhtin o primeiro estudioso a discorrer acerca disso, o termo por ele proposto é “dialogismo”, entendendo que todo texto dialoga com outros. Entretanto, tomo aqui a noção de Julia Kristeva que tem como termo “intertextualidade”, dizendo que um autor busca em sua memória discursiva outros textos e coloca isto no texto que produz, a seu próprio estilo. Para Kristeva (1974, p. 440): “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Assim, todo texto leva em si marcas de outros textos que vieram antes dele e então a intertextualidade acontece quando o leitor encontra aspectos de um texto em outro. O intertexto ocorre então de duas formas: explícita (quando vem com explicitação da fonte, citações e referências) e implícita (ocorrendo sem que a fonte seja dita, mas se utiliza de paráfrases, paródias, ironias etc.). Desta forma, levando em consideração a vida de Lewis, os paralelos que podem ser feitos entre *As Crônicas de Nárnia* e a Bíblia e tal noção de intertextualidade, podemos perceber melhor na análise sobre Aslam os intertextos que o cercam, com ênfase na literatura bíblica cristã.

Desta forma, tomamos o personagem Aslam para analisar sua construção segundo seus arquétipos e com base na intertextualidade aqui apresentada para melhor entender essa construção.

## **ASLAM, O GRANDE LEÃO**

Dentre todos os personagens apresentados nas sete crônicas do mundo de Nárnia, como os tão importantes irmãos Pevensie, Ripchip, Caspian e Eustáquio, Aslam é o único a aparecer em todas. Suas aparições são sempre marcadas por acontecerem em momentos cruciais, seja auxiliando outros personagens ou sendo aquele que deve realizar o maior ato de heroísmo. Segundo Lewis (2007), “Eu encontrei o nome ‘Aslam’ em umas notas sobre *As mil e uma noites*. É a palavra turca para leão. Eu pronuncio ‘Ass-lan’. E é claro que eu quis dizer o Leão de Judá.” (LEWIS, 2007, p. 64). O Leão a que ele se refere se encontra no livro bíblico de Apocalipse, a saber “Eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar seus sete selos” (Apocalipse 5:5 ACF). No livro *Sobre histórias*, podemos observar, pelas palavras do próprio Lewis, a importância que Aslam tem desde o começo da escrita das histórias de Nárnia:

No começo, eu tinha pouca ideia de como a história iria transcorrer. Mas, de repente, Aslam entrou nela. Acho que eu estava tendo muitos sonhos com leões naquela época.

Além disso, não sei de onde nem porque veio o Leão ou porque Ele veio. Mas, já que estava lá, Ele cooperou com a história toda, e logo puxou as outras seis histórias de Nárnia depois de Si. (LEWIS, 2018, p. 102)

Observamos em *As Crônicas de Nárnia* uma relação com mitos e lendas, comuns na literatura fantástica e maravilhosa. De acordo com Oliveira (2016):

Estas histórias, que são passadas por gerações e tornam-se imortais ao longo do tempo, frequentemente desenvolvem papéis na literatura fantástica ou maravilhosa, explorando arquétipos ou histórias milenares, como acontece em romances das séries Harry Potter, O Senhor dos Anéis, As Crônicas de Gelo e Fogo ou As Crônicas de Nárnia, entre tantos outros textos literários e filmicos. Muitos destes textos trazem intertextos com elementos de diversas religiões, pois trabalham com os significados dos símbolos e de outras imagens representadas em diversas escrituras religiosas. Dessa maneira, essas mensagens continuam sendo veiculadas, ainda que imperceptivelmente, e são capazes de ser plenamente entendidas por causa da força arquetípica que contêm. (OLIVEIRA, 2016, p.11)

Observamos também a relação intrínseca entre Aslam e todo o mundo de Nárnia, tomando-o como personagem de suma importância que está atrelado à toda a história daquele mundo, da sua gênese ao seu fim. Conforme as noções de Antonio Candido (2007, p. 51): “O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam”.

Podemos perceber ao ler histórias que padrões são repetidos em determinados personagens, e em cada atitude e descrição podemos nos identificar ou supor um pouco sobre como é aquele personagem. James Wood (2012, p. 89) diz em seu livro *Como funciona a ficção*: “Podemos saber muitas coisas sobre um personagem pela maneira como ele fala, e com quem fala - como ele lida com o mundo. As pessoas, disse Edith Wharton, são como a casa dos outros: só conhecemos delas aquilo que se limita com a nossa”. Vemos assim que ao ler *As Crônicas de Nárnia* que quando determinados personagens aparecem (aqui enfatizo o leão Aslam) temos a impressão de que já vimos aquele perfil antes. Entendemos que a maneira como o personagem se porta, como ele conduz os diálogos e as atitudes que toma vão de encontro ao que já temos guardado em nossa memória para nos dizer inconscientemente o que podemos esperar daquele personagem.

A partir disso, entendemos também as noções sobre arquétipos. Tomando da percepção de que existe um inconsciente coletivo, que transmite ideias e percepções através das gerações, entendemos também que esse inconsciente está intimamente atrelado à ideia de arquétipo, sendo este o que

indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as "motivos" ou "temas"; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das représentations collectives de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como "categorias da imaginação" por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como "pensamentos elementares" ou "primordiais". (JUNG, 2014, p. 53)

Se tomamos as percepções de personagem segundo Candido (2007) e Wood (2012), e de arquétipos pelas perspectivas de Jung (2014) e Vogler (1998), podemos definir que Aslam se encontra identificado em dois deles: o sábio e o herói. Como sábio, Aslam deixa aos personagens muito mais que palavras, mas as orientações que servirão aos seus conflitos imediatos e reverberarão para toda a vida. Seus conselhos e o motivo para levar alguns dos personagens à Nárnia apontam sempre para a direção de algo maior, algo divino. Podemos ver isso quando o leão deixa com que Pedro lide com Maugrim, o lobo da feiticeira, o ensinando assim a não fugir de suas batalhas, e também quando avisa para Digory e Polly sobre os perigos que a raça de Adão e Eva enfrentam. Aslam diz a eles:

Aquele mundo [Charn] acabou, como se jamais tivesse existido. Que a raça de Adão e Eva receba esse aviso. (...) estão caminhando para isso. Não é impossível que um homem perverso da sua raça descubra um segredo tão pavoroso quanto o da Palavra Execrável, e use esse segredo para destruir todas as coisas vivas. Breve, muito em breve, antes que envelheçam, grandes nações em seu mundo serão governadas por tiranos parecidos com a imperatriz Jadis: indiferentes à alegria, à justiça e ao perdão. Avisem seu mundo deste grande perigo. (LEWIS, 2009, p. 94)

Por fim, aponto na obra uma única vez neste trabalho uma cena que não se encontra nas crônicas propostas, mas em *As viagens do Peregrino da Alvorada*, que conta sobre as últimas aventuras de Edmundo e Lúcia Pevensie junto ao rei Caspian X. Nesta crônica observamos de forma bastante evidente o quanto Aslam conduz nossos protagonistas a algo além de Nárnia: o país de Aslam, o paraíso onde vive o Imperador de Além-Mar com aqueles que morreram simpatizantes do leão e aceitaram seus valores. Vemos nas cenas finais um Aslam que se apresenta primeiramente como um cordeiro e lhes mostra o caminho para este reino além de tudo o que conheceram, uma verdadeira vida muito similar à ideia do paraíso cristão.

E sendo também herói, Aslam cumpre à risca a definição que Vogler (1998, p. 52) mantém, sendo: “Um Herói é alguém que está disposto a sacrificar suas próprias necessidades em benefício dos outros. Como um pastor que aceita se sacrificar para proteger e servir a seu rebanho. A raiz da ideia de Herói está ligada a um sacrifício de si mesmo”.

Sendo aquele que aponta para o algo maior, a Verdadeira Nárnia (o paraíso onde vive o Imperador de Além-Mar), e sendo também tomado como divino, podemos identificar nas aparições de Aslam algo que observamos na figura do próprio Deus bíblico: a relação mútua do belo e do terrível. Com ênfase nos primeiros encontros dos protagonistas (sendo nas crônicas propostas Digory e Polly, os irmãos Pevensie e também Shasta e Bri) com o Leão, verificamos que Aslam é descrito como um ser de beleza e majestade, rodeado por luz e adornado com uma bela juba dourada. Ao mesmo tempo, ao conhecê-lo, os personagens em questão sentem um enorme temor e respeito, entendendo que aquele que veem não é qualquer um. Podemos observar de forma mais explícita essa relação em duas passagens, em “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa” e em “O cavalo e seu menino”, respectivamente:

Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. Os meninos entenderam logo. Pois, quando tentaram olhar para Aslam, só conseguiram ver de relance a juba de ouro e uns grandes olhos, régios, soleníssimos, esmagadores. Depois, já não tiveram forças para olhar e começaram a tremer como varas verdes. (LEWIS, 2009, p.158)

Uma luz dourada surgiu à esquerda, e Shasta pensou que fosse o sol. Caminhando ao seu lado, maior que um cavalo, estava um leão. [...] Era dele que vinha a luz dourada. Ninguém jamais viu algo tão belo e terrível. (LEWIS, 2009, p. 262)

Assim sendo, a comparação do personagem Aslam e Jesus se faz ainda mais forte. Seja falando com os israelitas recém-chegados ao Sinai, com Moisés no topo do monte ou com Abraão em um almoço, Deus sempre se mostra magnífico e terrível (ou tremendo). Aslam se faz construído da mesma forma, sendo redentor de um povo em perigo que precisa de salvação, seguindo a vontade de seu pai, o Imperador de Além-Mar e rompendo até mesmo com a própria morte por amor à uma vida. Em sua figura sempre há algo profundo, e mesmo ao simplesmente ouvir a pronúncia de seu nome há um impacto, como viram os irmãos Pevensie em “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”. Para além das falas do próprio autor sobre o assunto, mas tomando também a materialidade do texto em si, vemos vários momentos em que essa relação com Jesus se faz marcante e inegável, se tornando fundamental para analisar a construção do personagem Aslam.

À começar pelo primeiro livro em ordem cronológica do mundo de Nárnia, vemos em “O sobrinho do mago” as aventuras das crianças Digory Kirke e Polly Plummer, que utilizam anéis mágicos para ir a outros mundos. Tendo estado no Bosque Entre Dois Mundos e nas ruínas de Charn, os amigos voltam para seu mundo e numa tentativa de se livrar da terrível Jadis



voltam a viajar entre os mundos. Em meio à confusão, vão parar em um lugar onde não há nada além do breu, levando consigo não só a vilã, mas também tio André, um cocheiro e seu cavalo. E é ali, no meio da escuridão e do nada que, de repente, surge uma voz que canta e começa a mudar tudo.

No escuro, finalmente, alguma coisa começou a acontecer. Uma voz cantava. Muito longe. Nem mesmo era possível precisar a direção de onde vinha. Parecia vir de todas as direções, e Digory chegou a pensar que vinha do fundo da terra. O canto não tinha palavras. Nem chegava a ser um canto. De qualquer forma, era o mais belo som que ele já ouvira. Tão bonito que chegava a ser quase insuportável. (LEWIS, 2009, p. 56)

Esta mesma voz já provoca nos personagens seus efeitos, criando no cavalo uma alegria selvagem, no cocheiro um encanto que o faz desejar ter sido melhor e nas crianças um espanto magnífico, enquanto tio André deseja fugir e a feiticeira Jadis teria esmagado aquele mundo só para que o canto parasse. Em seguida, mais vozes se juntam à Primeira Voz (aquela que começa a soar as canções que criam o mundo, que vem a ser descoberta como o leão Aslam), e logo surgem as estrelas e a luz, numa harmonia que se torna mais alta e vibrante. De maneira semelhante, vemos o relato do João bíblico em sua visão do evangelho de Jesus em seu primeiro capítulo, dizendo que

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez (JO 1,1-3 ACF)

E ainda na carta de Paulo aos hebreus, ao relatar que “Pela fé entendemos que **os mundos pela palavra de Deus foram criados**; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (HB 11,3 ACF – grifo meu). Esse Verbo, ou Palavra, vem a ser o Deus Filho, conhecido por Jesus, e é a partir da manifestação de Sua voz que o mundo é criado, tal qual no mundo que viria a ser Nárnia. Assim, a criação continua com a relva, as cores, os rios... Até que aparece o autor da canção:

A terra tinha muitas cores – cores novas, quentes e brilhantes, que faziam a gente exaltar... Até que se visse o próprio Cantor. Então, todo o restante seria esquecido. Era um Leão. Enorme, peludo e luminoso, ele estava de frente para o sol que nascia. (LEWIS, 2009, p. 57)

Se faz assim, nesta primeira crônica, um forte paralelo com o livro de Gênesis, no qual relata a criação do nosso mundo por parte de Deus, fazendo com que tudo surja em beleza e

perfeição. Se seguimos na história de Nárnia, logo Aslam cria os animais e seleciona aqueles que receberão o dom da fala, criando o país de Nárnia em si e logo instituindo o cocheiro e sua esposa (que vem a serem chamados de Franco e Helena) como os primeiros rei e rainha do lugar, abençoando eles e seus filhos. E como a Adão, Eva e a serpente de Gênesis, o mal vai se instaurar naquele mundo, dessa vez pela feiticeira Jadis, levada ali por Digory. E ali, na aurora do tempo, Aslam toma conhecimento disso e diz às criaturas recém-criadas “Vejam só, companheiros: antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida, a força do Mal já o invadiu, despertada e trazida aqui por este Filho de Adão.” (p.74). E como relatado por Paulo na carta aos romanos, “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” (RM 5,12). Logo, Digory recebe a missão do próprio Aslam de ir até um jardim pegar o fruto de uma árvore sem comê-lo. O Leão executa aqui sua função de sábio, orientando na jornada que deve se iniciar, trazendo sua profunda sabedoria e mostrando sua onisciência (ao mostrar que já conhecia o cocheiro e Digory mesmo que estes não o houvessem visto antes, por exemplo). Além disso, Aslam já prenuncia sua figura enquanto herói, dizendo que o mal virá, mas que ele cuidará para que o pior venha sobre ele, e não sobre os narnianos.

Em “O sobrinho do mago” vemos a criação do mundo de Nárnia, realizada por Aslam, que se fundamenta na Magia Profunda que transcende mundos. Ele dá o governo nas mãos dos homens e entende que o mal também se faz presente, mas promete que um dia eles serão livrados desse mal. No fim, se refere a nós como “raça de Adão e Eva”, deixando o aviso de que não devemos seguir o mesmo caminho de crueldade que o mundo de Charn seguiu e pelo qual foi destruído por seus próprios feitos. Eis o Gênesis.

Anos passam, em nosso mundo e no mundo de Nárnia, e um dia uma menina, a mais nova de quatro irmãos, entra num guarda-roupa feito de uma árvore muito especial e acaba por chegar a um lugar novo. Lúcia Pevensie chega na Nárnia de “O leão, a feiticeira e o guarda-roupa”, onde é inverno há cem longos anos e quem governa é a chamada Feiticeira Branca (que conhecemos antes como Jadis).

Essa crônica foi a primeira escrita por Lewis, que tinha a cena de um fauno andando na neve com uma menina desde o fim da adolescência, e anos depois, já aos quarenta, começou a desenvolvê-la ao começar a fazer disso uma história. Aqui, deixamos um pouco de lado Digory e Polly e conhecemos os irmãos Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia Pevensie, que em decorrência da guerra devem viver por um tempo na casa de campo do professor Kirke e acabam por encontrar um caminho para Nárnia. Lúcia, a primeira a atravessar pelo guarda-roupa na sala

vazia, descobre fascínio num mundo invernal e cheio de peculiaridades, como o fauno Tumnus e o tempo que passa de maneira diferente. Para Colin Duriez

Nárnia, por ser um outro mundo, tem um tempo que só ocasionalmente sincroniza com o tempo de nosso mundo. Isso acontece quando as pessoas entram em Nárnia através de portais (tais como o guarda-roupa) ou são convocados para entrarem nela. Não importa quanto tempo alguém passou em Nárnia, pois não há passagem de tempo quando eles retornam. Portanto, os eventos descritos nas Crônicas abrangem apenas cerca de cinquenta anos do nosso tempo (1900 – 1949 d.C.), mas na verdade se passaram 2.555 anos no tempo de Nárnia. (DURIEZ, 2005, p. 235)

Desta forma, observamos em Aslam também a sua relação com o tempo. Ele estava lá criando o mundo de Nárnia e deixa a entender que é mais antigo que isso (quanto não o sabemos). Ao passo que também está presente em todas as crônicas, imune ao tempo que se passa em qualquer mundo, como um ser eterno que está além da temporalidade que conhecemos.

Mas o lugar ao qual Lúcia chega está bem diferente do reino promissor da época de Digory. Os irmãos logo têm de começar a fugir da Feiticeira, que conhece a profecia que diz sobre um dia a prole de Adão e Eva tomar seus tronos em Cair Paravel e mudar o governo tirano que ela tem realizado por tanto tempo.

As coisas começam a mudar para as crianças ao estarem junto aos castores, que lhes contam sobre Aslam e a profecia, situando-os no enredo. Ao simplesmente ouvir o nome do Leão, as crianças têm fortes sentimentos, sendo bons para a maioria e um sentimento de horror e mistério para Edmundo, que vem a ser aquele que tentaria entregar seus irmãos à Feiticeira. Seguindo até Aslam, o único que pode ajudá-los, os outros três irmãos vivem uma jornada seguindo em fuga dos lobos de Jadis, observando o quanto o próprio mundo vai mudando e o inverno vai chegando ao fim por causa da presença do Leão, ganhando presentes importantes do próprio Papai Noel e ansiando encontrar aquele de quem o velho poema narniano costuma falar, anunciando que

O mal será bem quando Aslam chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar. (LEWIS, 2009, p. 137)

Da mesma forma, vemos na história do povo escolhido por Deus que desde o Gênesis até o tempo de Herodes I um messias, alguém que traria salvação, já era anunciado. Todo o Antigo Testamento aponta para o messias aguardado, e observamos de forma bastante destacada no livro de Isaías, também com uma profecia, que diz

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado estará sobre seus ombros, e se chamará seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.” (IS 9,6-7 ACF)

Assim como Jesus vem cumprir todos os seus títulos, Aslam também mostra que cumpre aquilo que lhe é atribuído, sendo ele O Grande Leão, Senhor dos Bosques, O Filho do Imperador de Além-Mar, O Grande Rei e O Rei dos Grandes Reis de Nárnia.

Para além disso, existe algo nesta crônica, em especial, que revela de forma ainda mais explícita a relação que Lewis faz entre Aslam e Jesus: sua morte e ressurreição. Tendo Jesus vivenciado a morte para salvar as pessoas desse mundo e depois ressuscitado, Aslam também o faz em Nárnia. O leão se entrega à morte para salvar Edmundo, que se tornara um traidor arrependido, e vemos na narrativa momentos semelhantes com a trajetória de Jesus. Ambos caminham durante à noite junto a alguns daqueles que os seguem, aparecendo de forma triste e o espírito solitário ao saberem seus destinos. Aslam caminha com Susana e Lúcia até a Mesa de Pedra, onde estão a Feiticeira e seus seguidores. Ele sofre agressões, insultos e é humilhado, tendo sua juba cortada e suas patas e boca amarradas. Ao se entregar, o leão é morto por Jadis, que se diz vitoriosa ao cometer o ato que acalmaria a Magia Profunda de Nárnia.

Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também. Que me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra. (LEWIS, 2009, p. 171)

Vemos, em contraponto, um Aslam que nada diz, mas como profetizado por Isaías acerca de Jesus, “Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, assim ele não abriu a sua boca.” (IS 53,7 ACF). O que a Feiticeira não esperava e não entendia, é que havia uma Magia ainda mais profunda, de antes da aurora do tempo, que dizia que “se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás...” (LEWIS, 2009, p.175). Assim, Aslam aparece ressurreto tendo sido a Mesa de Pedra quebrada e a lei cumprida, surgindo agora como O Grande Leão que vem a salvar os narnianos do jugo da Feiticeira. Observamos aqui a intertextualidade em especial com os evangelhos bíblicos (os livros de Mateus, Marcos, Lucas

e João), onde somos apresentados ao auge do cristianismo, que se inicia com a chegada de um novo tempo desde que Jesus aparece.

Ao salvar aqueles que foram transformados em pedra e vencer a Batalha do Beruna, Aslam cumpre seu papel de herói nesta crônica. Os irmãos Pevensie tomam seus tronos no castelo de Cair Paravel e a profecia se cumpre, trazendo à Nárnia a sua Idade do Ouro. Os irmãos passam a governar por muitos anos, até o seu retorno ao seu mundo de origem. Os irmãos se tornam os reis e rainha de Nárnia, cumprindo a profecia narniana que falava acerca deles mesmos dizendo que

Quando a carne de Adão,  
Quando o ossos de Adão,  
Em Cair paravel,  
No trono sentar,  
Então há de chegar  
Ao fim a aflição. (LEWIS, 2009, p. 138)

Assim, eles se tornam Grande Rei Pedro, o Magnífico; Rainha Susana, a Gentil; Rei Edmundo, o Justo; e Rainha Lúcia, a Destemida. E é durante esse período glorioso que conhecemos a história de Shasta.

A crônica seguinte, “O cavalo e seu menino”, nos conta a história de um jovem rapaz que mora no país da Calormânia, um lugar distante, que evita Nárnia a todo custo. Para os calormanos, ali é um lugar estranho, onde aparece por vezes um demônio em forma de leão. O menino Shasta, criado por um pescador no sul do país depois de ter sido encontrado ainda bebê, nunca havia ouvido tais rumores, e sua curiosidade pelas terras ao norte cresce a cada dia mais.

Após se encontrar com o cavalo falante, Bri, Shasta foge de casa, sabendo que se ficasse seria vendido a um homem ruim. O cavalo conta que é natural de Nárnia, uma terra muito melhor que a Calormânia, e que poderiam ter chance de escapar se estivessem juntos. Assim, eles iniciam sua aventura, conhecendo e se unindo à menina Aravis e a égua narniana Huin (que também haviam fugido de casa), passando por Tashbaan, encontrando por um momento os soberanos de Nárnia (os irmãos Pevensie, aqui adultos), vivendo perigos no deserto e percebendo-se no meio de um conflito entre países.

Nesta crônica, Aslam (e mesmo suas menções) aparece explicitamente apenas na segunda metade da história, o que nos leva a uma percepção melhor de Shasta, que não conhece Nárnia e o que aconteceu ali. Entretanto, quando o protagonista encontra o leão pela primeira vez, descobrimos que Aslam sempre esteve ali por perto em toda a aventura, salvando o menino nos momentos de dificuldade e já, orientando no caminho, desencadeando sequências de fatos

importantes e mesmo levando-o, ainda bebê, até a praia onde o pescador o encontrou. Aslam se encontra com Shasta num momento crucial para o desenvolvimento do personagem e revela mais uma vez seu arquétipo como sábio e sua natureza divina.

Fui eu o leão que o forçou a encontrar-se com Aravis. Fui eu o gato que o consolou na casa dos mortos. Fui eu o leão que espantou os chacais para que você dormisse. Fui eu o leão que assustou os cavalos a fim de que chegassem a tempo de avisar o rei Luna. E fui eu o leão que empurrou para a praia a canoa em que você dormia, uma criança quase morta, para que um homem, acordado à meia-noite, o acolhesse. (LEWIS, 2006, p. 262)

Ao ter esse diálogo entre Aslam e Shasta e a maneira como somos conduzidos até esse momento, Lewis nos faz ter a mesma percepção que o menino, revelando um Aslam que pode não estar explícito, mas que está sempre presente. Se tomamos a associação com Jesus até aqui e essa característica do Grande Leão que se mostra até aqui – a de conhecer cada um com quem fala antes mesmo que se fizesse conhecido –, podemos nos lembrar também de Jeremias 1:5, no qual diz: “Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saíesses da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta.”(ACF) e também a passagem de Efésios 1:4-5, a saber: “Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu, nele, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele. Em amor nos predestinou para ele, para sermos adotados como seus filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o propósito de sua vontade” (versão NAA).

Sobretudo, revelando um pouco mais da relação entre Aslam e Jesus, o Deus Filho, gostaria de ressaltar nesta crônica a parte seguinte do diálogo com Shasta, mostrando também a versão original em inglês, do qual se difere um pouco. Em português, o diálogo segue como

– Quem é você?  
 – Eu mesmo – respondeu a voz, com uma entonação tão profunda que a terra estremeceu. E de novo: – Eu mesmo – com um murmúrio tão suave que mal se podia perceber, e parecia, no entanto, que esse murmúrio agitava toda a folhagem à volta. (LEWIS, 2009, p. 262)

A partir disso, já podemos nos lembrar do diálogo entre Deus e Moisés no cume do monte Horebe, quando o Senhor se apresenta como “Eu Sou” (EX 3,14 ACF). Porém, à partir da versão em inglês, podemos extrair ainda mais uma peculiaridade que nos leva na direção do divino em Aslam, sendo o trecho:

"Who are you?" asked Shasta. "Myself," said the Voice, very deep and low so that the earth shook: and again "Myself," loud and clear and gay: and then the third time

"Myself," whispered so softly you could hardly hear it, and yet it seemed to come from all round you as if the leaves rustled with it. (LEWIS, 2017, p. 89)<sup>4</sup>

O que observamos de novo durante o trecho original é que Aslam diz “Eu mesmo” não duas, mas três vezes, provocando diferentes efeitos e sendo de diferentes maneiras, sugerindo aqui não só o diálogo entre Deus e Moisés, mas também a noção de uma trindade. Para os cristãos, isso se dá entre o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo, que são três pessoas distintas e ainda assim um único Deus. Para *As Crônicas de Nárnia*, isso se daria sendo o Imperador de Além-Mar (o Deus Pai), que aguarda na Verdadeira Nárnia e é aquele sobre toda a criação; Aslam, o leão (o Deus Filho), que se revela e revela a vontade do Pai descendo até o mundo que criou, morrendo, ressuscitando e guiando até a Verdadeira Nárnia; e a Magia Profunda – e ainda mais profunda, desde antes da aurora do tempo – (o Deus Espírito Santo), pela qual Aslam cria o mundo e as leis que o regem, dá vida e consciência e age em todo tempo manifestando poder e graça. Vemos na história de Shasta um paralelo com o livro bíblico de Êxodo, não apenas pelo fato da saída da Calormânia para os outros países, mas pelos paralelos que podemos traçar entre o próprio Shasta e Moisés, sendo encontrado pela divindade de seu mundo e escolhido para uma importante missão, por exemplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que Lewis realiza a construção do personagem Aslam cumprindo seus arquétipos como sábio e herói (além de sua parte divina) e relacionando-o, sobretudo, com a figura de Jesus. Isso se dá não apenas pela própria fala do autor, mas também pela materialidade do texto ao encontrarmos tantas referências implícitas com a Bíblia. Pode-se tomar como base a noção de intertextualidade e, neste caso em especial, vemos por meio de Arruda (2016) que

Na leitura da Crônica e da Bíblia, o implícito acontece, visto que não há referência clara ao texto base, embora o leitor tenha a possibilidade de estabelecer relações com o texto bíblico, caso possua em seu conhecimento prévio informações deste texto. (ARRUDA, 2016, p. 6)

---

<sup>4</sup> “Quem é você?” perguntou Shasta. “Eu mesmo”, disse a Voz, muito profunda e baixa para que a terra tremesse: e de novo “Eu mesmo”, alta e clara e alegre: e pela terceira vez “Eu mesmo”, sussurrando tão suavemente que você mal podia ouvi-lo, e parecia vir de todos os lados como se as folhas sussurrassem com ela. (tradução minha)

Analisando tal construção, vemos que o leão Aslam produz diferentes efeitos nos personagens que o cercam e mesmo no mundo em que vive. Vemos que ao encontrar o leão os personagens são afetados em suas vidas, seja para o bem ou para o mal, tomando rumos e decisões que mudam seu trajeto. Sua influência se dá no mundo de Nárnia de forma fundamental (inclusive de forma bem literal nesta palavra) e também mostra sua importância em nosso mundo, seja na ficção ou na vida real, considerando os inúmeros trabalhos acerca do leão. Com a noção dos paralelos bíblicos em *As Crônicas de Nárnia* percebemos essa influência se fazendo ainda mais forte, haja vista a comparação clara utilizada entre o leão Aslam e Jesus, o Leão de Judá e o fato da literatura bíblica cristã ser a mais lida e vendida do mundo. Ainda segundo Oliveira (2016):

Lewis apresenta, em sua obra fantástica, uma visão teológica, de modo a instigar o leitor a estabelecer uma relação entre ele e sua espiritualidade, utilizando-se da fantasia para tratar com sutileza os conflitos morais. A religiosidade do livro, por meio da fantasia, desperta no leitor a curiosidade e o leva a encontrar no caráter do personagem Aslam a representação do arquétipo de Cristo. Desta maneira, encontramos na obra de Lewis um texto bíblico acessível e com novas intenções. Ao invés de orientar, Lewis traz a intertextualidade bíblica com a função de causar reflexão e de evangelizar o leitor através da fantasia. (OLIVEIRA, 2016, p. 42)

Tomando toda a análise realizada e também os paralelos e influências, podemos concluir a relevância do personagem Aslam dentro desta obra de Lewis e como ele é construído de forma a ser relevante como objeto de estudo, instigando o leitor a buscar compreender, mesmo que de forma inconsciente, seus arquétipos e o que nos traz identificação. À partir dessa análise podemos também pensar em análises sobre os personagens de Nárnia em geral, partindo deste artigo focado em Aslam tomado como contribuição para novas percepções acerca de tais personagens.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, S. M. **A interface intertextual implícita entre o personagem Aslam e a pessoa de Jesus, representados, respectivamente, nas crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda roupa e nos textos bíblicos.** Monografia (Licenciatura em Letras) - UEPB, João Pessoa, 2016.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** Tradução Nova Almeida Atualizada, por João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.



CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: \_\_\_ et al. **A personagem de ficção**. 11ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51-80.

DURIEZ, Colin. **Manual prático de Nárnia**. Tradução de Celso Roberto Paschoa. Osasco: Novo Século, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy . 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEWIS, C. S.. **As crônicas de Nárnia: volume único**. Tradução de Paulo Mendes Campos e Silêda Steuernagel (A última batalha). 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S.. **O sobrinho do mago**. In: As crônicas de Nárnia: volume único. Tradução de Paulo Mendes Campos. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 7-98.

LEWIS, C. S.. **O leão, a feiticeira, e o guarda-roupa**. In: As crônicas de Nárnia: volume único. Tradução de Paulo Mendes Campos. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 99-186

LEWIS, C. S.. **O cavalo e seu menino**. In: As crônicas de Nárnia: volume único. Tradução de Paulo Mendes Campos. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 187-288.

LEWIS, C. S.. **Sobre histórias**. Tradução de Francisco Nunes. 1ª edição. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

LEWIS, C. S.. **Surpreendido pela alegria**. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. 1ª edição. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

LEWIS, C. S.. **The Collected Letters of C. S. Lewis, volume 3: Narnia, Cambridge and Joy 1950–1963**. New York: HarperCollins Publishers Inc, 2007.

LEWIS, C. S.. **The horse and his boy**. Project Gutenberg Canada: Ebook Samizdat, 2017.

LIRA, E. E. P. **O sagrado e a intertextualidade bíblica em “As crônicas de Nárnia”, de CS Lewis**. Leitura: Teoria & Prática, v. 29, n. 57, p. 51-55, 2011.

OLIVEIRA, Jessica de. **Arquétipos em As Crônicas de Nárnia: Aslam e sua Relação com o Universo Cristão**. 2018. 44p. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WOOD, James. Personagem. In: **Como funciona a ficção**. 1ª edição. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 87-117.